

"Apaixonado,
provocativo
e brilhante."

LUCY WORSLEY

"*Femina* é uma
história revolucionária
da Idade Média."

PETER FRANKOPAN

Janina
Ramirez

FEMINA

Uma nova história da
Idade Média, através das
mulheres que ficaram
de fora dela

CRÍTICA

TECNOLOGIA DE ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Janina
Ramirez

FEMINA

Uma nova história da
Idade Média, através das
mulheres que ficaram
de fora dela

Tradução

Ana Maria Fiorini

Revisão técnica

Maria Cristina Correia L. Pereira

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Janina Ramirez, 2022

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Ana Maria Fiorini, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Femina: A New History of the Middle Ages, Through the Women Written Out of It*

Preparação: Laís Chagas

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Carmen T. S. Costa

Diagramação: Matheus Nagao

Capa: Andrew Smith

Imagem de capa: © Heritage Images/Getty

Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ramirez, Janina

Femina / Janina Ramirez ; tradução de Ana Maria Fiorini. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

416 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-3654-5

Título original: Femina

1. Mulheres – História 2. Idade média - História I. Título II. Fiorini, Ana Maria

25-1777

CDD 305.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO	13
1. INOVADORAS E AGITADORAS	33
2. TOMADORAS DE DECISÕES.....	69
3. GUERREIRAS E LÍDERES.....	105
4. ARTISTAS E PATRONAS.....	137
5. POLÍMATAS E CIENTISTAS	173
6. ESPIÃS E FORAS DA LEI.....	215
7. REIS E DIPLOMATAS	245
8. EMPREENDEDORAS E INFLUENCIADORAS.....	277
9. EXCEPCIONAIS E EXCLUÍDAS	313
AGRADECIMENTOS	333
NOTAS	337
CRÉDITOS DAS IMAGENS	379
BIBLIOGRAFIA.....	383

1. INOVADORAS E AGITADORAS

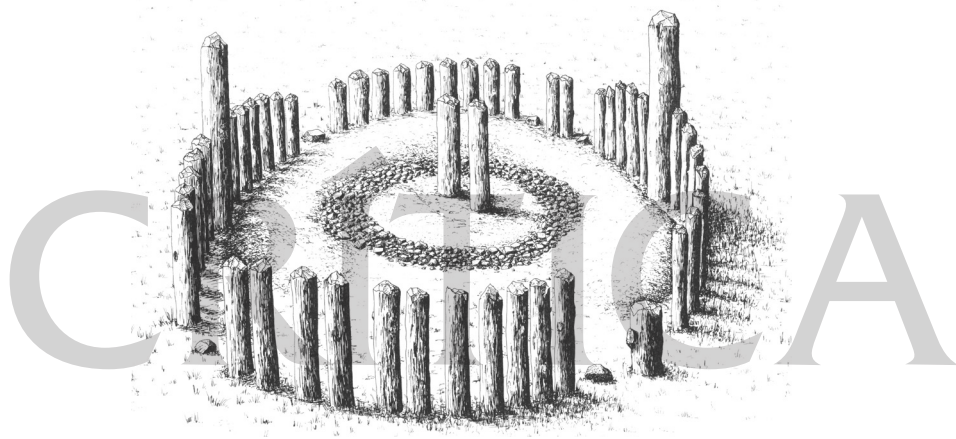
Descoberta!

2006 – Loftus, Redcar e Cleveland, Inglaterra

A fazenda Street House fica num cruzamento na extremidade mais ao norte da charneca de North Yorkshire – um território selvagem castigado pelos ventos. Além do campo mais afastado da fazenda, o mar quebra contra os enormes rochedos da costa. A pequena cidade de Loftus, no distrito de Redcar e Cleveland, fica a cerca de um quilômetro e meio a sudeste da fazenda. Estamos no território de Wordsworth, de Drácula e da maior concentração de árvores antigas do norte da Inglaterra.¹ Se essas árvores falassem, elas contariam inúmeras histórias sobre os eventos que se desenvolveram nessa paisagem. A história que vamos contar diz respeito a Steve Sherlock, um detetive arqueólogo (seu sobrenome é um feliz acidente). Durante quatro décadas Steve investigou mistérios locais que remontavam a milhares de anos.²

Steve conhece essa terra intimamente, pois cresceu na cidade próxima de Redcar e passou a vida toda peneirando solo em busca de tesouros e respostas. De 1979 a 1981, fez parte de uma equipe que descobriu dólmens do Neolítico e assentamentos da Idade do Ferro nas desprezíveis terras agricultáveis que cercam a fazenda Street House. Uma descoberta em particular diferenciava esse sítio: uma estrutura única, datada por radiocarbono de 2200 a.C. Embora sobreviva como um conjunto de buracos

de poste – ecos no solo de grandes monumentos de madeira de outrora –, originalmente esse era um cercamento circular, com cerca de oito metros de diâmetro, composto de 56 postes de madeira cortados rusticamente, com uma curiosa porção elevada em forma de D no centro.³ O espaçamento dos postes sugere que as pessoas se moviam entre eles como em uma procissão ou cerimônia. Na ausência de quaisquer outras sugestões convincentes, o local foi declarado um “sítio ritual”, onde antigas cerimônias desconhecidas ocorriam, e recebeu o nome de “Wossit” (de “*what-is-it*”, ou “o que é isso”).⁴ Ele serve para nos lembrar de que, quando olhamos para trás através do tempo, nossas investigações são provisórias e devemos continuar fazendo a pergunta “o que é isso?”.



Reconstrução do “Wossit” de Street House, Loftus, Neolítico tardio, c. 2200 a.C.

O que está claro é que, em Loftus, a fazenda no topo da colina, que hoje parece remota e isolada, foi um dia um antigo centro repleto de pessoas, barulho, movimento e vida. Vestígios de estruturas que remontam a milênios estão espalhados pelos campos, incluindo a “casa mais antiga” oficial de Teesside, que é anterior ao Stonehenge. Décadas depois de ver os buracos de postes do Wossit surgirem do solo, o contorno de um cercamento retangular num campo próximo, detectado em uma fotografia aérea, chamou a atenção de Steve. Dentro de um fosso da Idade do Ferro havia resquícios de edificações, incluindo algumas casas circulares. Steve foi até lá para descobrir um mundo pré-romano, mas um monte despretenhoso perto do centro sugeria que talvez valesse a pena explorar mais coisas.⁵

Atravessando os contornos de casas mais antigas da Idade do Ferro, sistematicamente dispostas nos limites do cercamento, estavam 109 covas. Cada uma foi cuidadosamente cavada no solo a fim de permitir espaço suficiente para que um corpo fosse deitado de lado, em posição fetal. Não havia ossos – o solo ácido se apropriou de toda matéria orgânica –, mas alguns sinais começaram a surgir conforme a equipe retirava camadas de terra. Contas, pedaços de metal, partes de armas corroídas sugeriam que essas sepulturas não eram da Idade do Ferro, e sim mais recentes. Eram da Alta Idade Média, e, ainda mais empolgante, parecem datar de um período no qual essa parte do norte da Inglaterra estava passando por uma revolução ideológica. Remontam à época em que o cristianismo começava a lançar raízes ao longo do litoral da Nortúmbria.

O achado mais significativo, entretanto, estava escondido no monte bem no centro do cemitério. Enquanto outras sepulturas se espalhavam ao longo dos limites do cercamento, essa área de terra mais elevada oferecia um ponto focal para os funerais. Ao abrir a sepultura central, Steve encontrou o veio principal: belas joias da Alta Idade Média, simbólicas e da mais alta estirpe. Localizado acima de todas as outras sepulturas, o indivíduo nessa elevação tumular era claramente importante, tanto para os que sepultaram cuidadosamente seus entes queridos ao redor dele como para a equipe arqueológica que o desenterrou 1.400 anos depois. Essa era a sepultura de um líder, alguém valorizado por sua comunidade, alguém com poder, riquezas e influência. Há poucas pistas quanto ao significado desse cemitério. Para entendê-lo, precisamos nos inserir entre as pessoas de Loftus no século VII e examinar os objetos que elas depositaram no chão. Por meio deles, surge a imagem de uma sociedade do norte da Inglaterra sacudida por mudanças e, ainda assim, agarrada ao passado.

Bem-vindo à Loftus do século VII

O ar salgado mordisca sua pele enquanto você olha para as águas agitadas do Mar do Norte. Essas ondas conectam em vez de dividir, ligando esse penhasco do norte inglês à Escandinávia, à Alemanha e além, para as exóticas terras ao sul e ao leste. Os navios atracados na baía abaixo são os cavalos do mar, que tornam possíveis as viagens internacionais e prometem riquezas.

Virando as costas para a água e olhando para dentro, um terreno estranho se revela. A terra é cheia de caroços e calombos, ecos de grandes edificações com muitos séculos de idade. Pedras de antigas estruturas romanas estão espalhadas, e duas novas construções de madeira se erguem entre montes funerários e valas elevadas.



Reconstrução do sítio do século VII de Street House, Loftus, por Andrew Hutchinson;
© Andrew Hutchinson e Stephen Sherlock.

Uma cerimônia está acontecendo. As pessoas entram em procissão através de uma série de amplas aberturas nos cercamentos de centenas de anos da Idade do Ferro, e depois adentram uma área quadrada mais ou menos do tamanho de metade de um campo de futebol. Congregando-se, elas se movem na direção de uma das novas construções de madeira. É uma estrutura simples, só uma entrada para um espaço pequeno e escuro. Lá dentro, alguém foi deitado de costas, vestido em trajes luxuosos de um dourado reluzente sobre o peito. A pessoa está imóvel e em paz, evidentemente morta. À esquerda dessa casinha um buraco foi aberto no chão, com uma grande pilha de terra recém-revolvida ao lado. Se olhar dentro do buraco, você vai ver uma coisa surpreendente: uma cama belamente esculpida e ornamentada. Ela tem cobertas de peles e outros

materiais suntuosos, e um travesseiro macio repousa sob uma cabeceira de carvalho maciço.

Atrás do monte de terra um outro edifício se ergue. As portas estão abertas, e de lá de dentro vem o brilho suave da luz de velas. De pé sobre uma plataforma elevada circular perto do buraco no chão, líderes da comunidade estão vestidos em suas melhores roupas, feitas de lã tingida de vermelho, verde e amarelo, debruadas com tecidos exóticos como seda, importados do outro lado dos mares. Botões dourados e cintos ornados reluzem entre as dobras dos tecidos usados pelos homens, enquanto as mulheres usam colares de contas em camadas que descem sobre seus peitos. Eles observam solenemente o movimento das pessoas ao redor, que aos poucos vão enchendo o cercamento. As pessoas ilustres e os que trabalham duro, os grandes e os muitos, todos vieram prestar seus respeitos a uma pessoa. Logo o falecido será colocado em sua cama, para dormir por toda a eternidade, cercado por ancestrais de milênios passados. Ele se tornará parte da paisagem. Essas pessoas estão aqui para se lembrar dele, mas os ritos fúnebres são também um forte lembrete de que um dia todos eles vão se fundir com um lugar cuja história remonta a um passado mítico.

Os segredos da sepultura 42

O cemitério do início do período medieval de Loftus é incomum. Mais de cem sepulturas estão dispostas em um retângulo, formando um claro contorno. Estão todos orientados de leste a oeste, algo comum em sepultamentos cristãos, com a cabeça na direção do sol nascente.⁶ No centro do sítio estão três sepulturas, que Steve Sherlock identificou como 41, 42 e 43. Destas, uma recebeu um tratamento mais elaborado que as outras. Sobre a sepultura 42 ergueu-se um monte funerário para que ela pudesse ser vista a distância. Embora os ossos, a madeira e os tecidos tenham desaparecido, os objetos de metal remanescentes indicam que aparência o sepultamento original deve ter tido. Cunhos de ferro erodidos e peças retorcidas da cabeceira foram tudo o que sobrou de uma bela cama de madeira. Esse não é o único sepultamento em cama encontrado na Inglaterra, mas é o único tão ao norte.⁷

Dentro da cama, próximo de onde ficaria o peito da pessoa falecida, um conjunto de achados reluzentes surgiu do solo. Dois pendentos, incrustados

com cabochões de pedra vermelha altamente polidos, grandes e com um desenho exótico. Três contas – duas delas azuis e uma feita de fio de ouro, que um dia fizeram parte de um colar – estavam ao seu lado. Mas o achado mais excepcional foi o ornamento central, um pendente em forma de escudo com fileiras de pedras em *cloisonné* em torno de uma granada em forma de vieira com quase dois centímetros de largura. Primeiro do tipo a ser encontrado, ele sugere que a pessoa homenageada na sepultura 42 era muito importante – muito provavelmente um membro da realeza ou da nobreza. Também sugere que ela era uma mulher.⁸



Pendentes de ouro e granada da sepultura 42, Street House, Loftus.

© Stephen Sherlock.

Sem ossos para analisar, a definição dos gêneros das sepulturas de Street House se baseou nos achados. Armas e lâminas emparelhadas foram consideradas objetos masculinos, e contas, chaves e joias, femininos. Evidentemente, isso não é exato. Quando examinamos outros sítios com restos esqueléticos, o gênero dos objetos às vezes se inverte. Por exemplo, no cemitério próximo de Norton, Cleveland, um homem foi encontrado sepultado com uma conta e também com armas, e mulheres foram sepultadas

com facas ou espadas.⁹ Houve também descobertas do outro lado do Mar do Norte em que os achados foram considerados masculinos, enquanto os ossos são femininos. No entanto, é geralmente aceito que as mulheres são mais propensas a terem sido sepultadas com joias.

O pendente oferece vislumbres fascinantes de sua dona e do mundo do qual ela era parte. Hoje conhecida como Princesa de Loftus, só alguém importante seria sepultado com tamanha honra e um tesouro tão belo. Esse tipo de joia em *cloisonné* era bastante comum entre os sepultamentos da elite na época, e peças parecidas foram encontradas no navio funerário de Sutton Hoo, a mais exuberante celebração fúnebre com bens funerários já descoberta na Inglaterra. E no mesmo ano em que a Princesa de Loftus foi descoberta, Terry Herbert, com um detector de metais, desenterrou incríveis 3.500 peças de joias em *cloisonné*, a maior coleção de ourivesaria anglo-saxã em ouro e prata já encontrada: o Tesouro de Staffordshire.¹⁰

As peças do campo de Staffordshire, entretanto, diferem da joia de Loftus em um aspecto notável. Elas eram todas acessórios de armas ou estavam associadas a uma elite militar masculina. Tiradas de espadas ou bainhas ou arrancadas dos corpos de seus donos, elas eram o tesouro de homens armados que batalharam e morreram no reino conhecido como Mércia. A joia de Loftus não é um troféu de batalha. Ela foi colocada no solo como parte de um sepultamento, e presumivelmente pertencia à mulher nortumbriana que a usava. Ao fazer uma tal declaração por meio de seu sepultamento, ela e sua comunidade deixaram para trás vislumbres de seu mundo que agora finalmente podemos desenterrar.

Feitiçaria do ferreiro

A descoberta de joias de ouro e granada por toda a Inglaterra revela não só que elas estavam em voga na Alta Idade Média, mas também que tinham um significado simbólico. Os grupos de anglos, saxões e jutos que cruzaram os mares e se estabeleceram por toda a Inglaterra nos séculos que se seguiram à Queda de Roma trouxeram consigo suas roupas e culturas. As muitas peças sobreviventes de joias em *cloisonné* ligam seus donos a um mundo germânico progressivo. Elas eram símbolos de identidade, mas também de poder e riqueza.

Embora restem bem poucas evidências físicas que nos ajudem a entender como operavam as oficinas que produziam esses belos itens, as habilidades necessárias para fazer um objeto tão intrincado quanto o pendente de Loftus abrem novas janelas para a Inglaterra do século VII. Considerando que as oficinas não tinham água corrente e que os joalheiros precisavam se contentar com ferramentas simples e luz natural, é bastante notável que esse tipo de joia tenha sido feito. Uma sepultura encontrada em Tattershall Thorpe, Lincolnshire – o Tesouro do Ferreiro –, continha ferramentas que sugerem que o falecido trabalhava com metais.¹¹ Era uma sepultura solitária, o que reflete o respeito do qual os ferreiros gozavam. Ele pode ter sido um comerciante itinerante que morreu durante uma viagem e recebeu essa homenagem da comunidade. Achados de sua sepultura incluem um sino de ferro, que ele teria tocado para promover o comércio, suas ferramentas – alicates, martelos, pinças e punções – e restos de metal, provavelmente guardados juntos em um saco. Ao depositar esses itens no solo, a comunidade o reverenciava, deitando ao lado de seu corpo os símbolos de sua posição social e dando a ele aquilo de que ele talvez precisasse na vida após a morte.



Imagem de Wayland, o Ferreiro, do frontão da Urna de Franks, Museu Britânico.

No século VII, os ferreiros eram vistos como membros poderosos e importantes da sociedade. Trata-se de um vestígio da religião germânica pagã praticada por toda a Inglaterra antes da chegada de missionários cristãos.

Um personagem mítico aclamado era o ferreiro Wayland, cuja história é contada pela *Edda poética*.^{*} Wayland era um ourives tão impressionante que o rei Niðhad o queria escravizado, para que ninguém mais pudesse possuir as peças que ele criava. Ele ordenou que Wayland fosse mutilado, por meio do corte dos tendões dos músculos posteriores de suas coxas, e prendeu o ferreiro numa ilha para que produzisse tesouros exclusivamente para o rei. Mas Wayland tramou sua fuga. Ele matou os dois filhos do rei e fez taças com seus crânios, um broche com seus dentes e joias com seus olhos. Então atraiu a filha do rei para sua oficina, onde a drogou e estuprou, engravidando-a com um filho que um dia sucederia o cruel pai dela como rei. Uma vez completa a terrível vingança de Wayland, ele escapou com uma máquina voadora que criara usando penas de pássaros.

Episódios desse conto foram esculpidos na lateral de uma caixa de osso de baleia conhecida como Urna de Franks, mais ou menos na mesma época em que o cemitério de Loftus estava em uso.¹² A perna dobrada de Wayland revela o corte do tendão, enquanto ele segura um par de pinças sobre uma bigorna como aquelas encontradas no Tesouro do Ferreiro. O filho decapitado está estendido debaixo dele, enquanto penas são tiradas de pássaros em preparação para sua fuga alada. Para uma sociedade organizada em torno de uma elite guerreira que se deslocava com frequência, peças de arte pequenas, pessoais e portáteis – isto é, joias – eram mais valiosas que obras arquitetônicas ou pinturas e esculturas de grande escala. Essas joias eram as obras-primas de seu tempo, e as pessoas que as faziam exibiam uma habilidade quase divina no trabalho com metais, transformando pedras duras em líquido, depois as solidificando e, assim, preservando-as como peças brilhantes e eternas de feitiçaria alquímica.

A joia de Loftus é um exemplo espetacular da feitiçaria do ferreiro. Mas não são apenas as joias de ouro em si que nos ajudam a entender a Inglaterra da Alta Idade Média. A literatura em inglês antigo também nos diz muito sobre o simbolismo de posses valiosas.¹³ O poema épico *Beowulf* fala em ouro com frequência, dado por senhores para assegurar a lealdade dos seguidores, e antigas relíquias eram usadas para conseguir tratados e

* A *Edda poética* é uma coletânea de poemas míticos e heroicos nórdicos de autoria desconhecida, que provavelmente datam de 800-1100 d.C. Junto da *Edda em prosa*, é a mais importante fonte de conhecimento sobre a mitologia nórdica. (N.E.)

juramentos. Hrothgar diz ter ganhado a confiança do pai de Beowulf enviando “velhos tesouros para os Wylfings pela espinha do mar; ele fez juras a mim”.^{*} Mais relevante para nossa investigação sobre a Princesa de Loftus é que o ouro é depositado no solo e protegido tanto por um aterrorizante dragão como pelas maldições de “famosos chefes”, ditas sobre o monte funerário para garantir que ninguém o escavaria:¹⁴

paet se secg waere synnum scildig / hergum geheaðerod, hellbendum
faest, / wommum gewitnad, se ðone wong strude.

que o homem seria culpado de crimes, confinado em santuários pagãos, atado a grilhões infernais, duramente castigado, o que saquear aquele lugar.”

Apesar dessas maldições, poucos montes funerários sobreviveram com seus tesouros incólumes até os dias de hoje. Ladrões de sepulturas sabiam que havia ouro e joias enterrados junto a seus donos, e deixaram de temer as proteções pré-cristãs nos séculos seguintes. Por sorte, a Princesa de Loftus pôde conservar seus tesouros em segurança em sua sepultura, entregando-os apenas à pá do arqueólogo, quase um milênio e meio depois.

Reusar, reciclar, reapropriar

O significado histórico do pendente não está só nos ferreiros altamente habilidosos aos quais as peças eram encomendadas, mas também no trabalho e no esforço necessários para obter as matérias-primas, algumas das quais viajaram por centenas de quilômetros antes de terminarem no solo de Loftus. Embora a origem exata das granadas seja desconhecida, a comparação com outras peças similares sugere que as gemas foram importadas através de longas rotas comerciais. As pequenas granadas do Tesouro de Staffordshire, por exemplo, vieram da Europa Oriental, enquanto as maiores são da Índia. A princesa era bem relacionada, poderosa e abastada.

* *Beowulf*, parte VII, v. 471-2. (N.E.)

** *Beowulf*, parte XLII, 3071-3. (N.E.)

O pendente também nos conta dos gostos artísticos e das capacidades técnicas. Para produzir uma peça como a joia de Loftus, primeiro uma placa de ouro precisaria ser feita para a parte de trás por meio de um molde, dentro do qual moedas derretidas eram derramadas. A Inglaterra não tinha um sistema monetário estabelecido no início do século VII, então essas moedas ou eram trazidas do exterior ou eram peças antigas reutilizadas.¹⁵ Moedas como essas eram colecionadas e valorizadas por seu valor material, e também pela alta posição das pessoas exóticas e poderosas do passado ao qual estavam ligadas. Elas eram os instrumentos dos imperadores, dos reis e dos governantes que controlaram vastos impérios. A coleção de 37 moedas merovíngias encontrada em Sutton Hoo era digna de ser colocada em um funeral real, talvez para servir de pagamento ao barqueiro para a travessia da alma do falecido.¹⁶ Usar moedas antigas e importadas para fazer uma nova joia significava capturar parte desse poder no próprio ouro enquanto matéria.

O uso de uma placa traseira era uma técnica particularmente inovadora: ela transformava uma pedra vermelha escura e opaca em algo magnífico pela refração da luz por trás dela, criando um efeito brilhante. A habilidade necessária para produzir essas folhas douradas puncionadas é espantosa. Elas têm cerca de 0,03 milímetro de espessura, com um padrão xadrez estampado responsável por produzir um sistema regular de linhas que são difíceis de ver a olho nu. Existem entre três e cinco linhas retas por milímetro.¹⁷ Quando os joalheiros reais Garrard foram consultados em 2009 sobre a criação de uma peça como as fivelas de ombro de Sutton Hoo – os exemplares mais excepcionais de joias da Alta Idade Média a terem sobrevivido –, eles estimaram que, com eletricidade, água corrente e iluminação 24 horas por dia, seriam necessários um mês de trabalho contínuo e 200 mil libras esterlinas para produzir só uma. Embora as fivelas de ombro exibam o padrão mais elevado de joia em *cloisonné* já encontrado, o pendente de Loftus também é uma peça de alta estirpe. Curiosamente, ele tem uma característica única que o diferencia do tesouro de Sutton Hoo.

As técnicas astutas do joalheiro criaram um efeito em camadas no pendente de Loftus, de modo que cada fileira se ergue sobre a seguinte. Mas há uma leve assimetria entre os níveis, devido às dimensões irregulares das granadas. Isso não é resultado do trabalho descuidado de um artesão; na verdade, a exemplo das moedas, as gemas foram tiradas de uma peça anterior

e reutilizadas nas joias dessa mulher. As granadas recicladas precisariam ser cortadas no tamanho certo. Isso não era nada fácil. As granadas são duras, com cerca de 7,5 na escala de Mohs, em que o talco é 1 e o diamante é 10. Modelar, cortar e polir a granada ainda hoje é um trabalho demorado, pois exige que se esfregue a superfície da pedra com uma substância mais dura. Cada gema era presa a um *dop stick* (um pedaço de madeira com um adesivo para manter a gema no lugar) e então sustentada contra um mecanismo rotativo movido por um aprendiz; isso criava uma superfície abrasiva. Era necessário manter um fluxo de água sobre as gemas conforme elas giravam para evitar que superaquecessem e rachassem. As granadas então eram polidas até terem menos de um milímetro de espessura.¹⁸ Para deixá-las finas o bastante e cortá-las perfeitamente para que se encaixassem nas suas células, eram necessários mãos delicadas e olhos treinados, sem falar em décadas de experiência. Seriam essas gemas originalmente relíquias de família, algo significativo para algum familiar, recolocado em um novo contexto? Ou seriam parte das armas de guerra de um ancestral, desfeitas para que sua memória fosse preservada por meio das gemas desse pendente? O fato de essa mulher ter pedido que essa nova peça fosse desenhada incorporando pedras de segunda mão é mais um exemplo de um padrão visto por todo o sítio de Loftus, em que os artefatos e as estruturas de gerações anteriores eram reutilizados e reapropriados.

A chegada simbólica do cristianismo

Mesmo as sepulturas da Alta Idade Média eram intencionalmente escavadas em uma paisagem que já tinha uma história antiga no século VII. O sítio escolhido para o cemitério não foi acidental – essa comunidade queria se vincular à terra e ao passado. Perto da Princesa de Loftus há uma outra mulher, sepultada com uma conta que já tinha cerca de quinhentos anos de idade quando foi reutilizada, incrustada em um acessório triangular de ouro. E na extremidade norte do cemitério, na sepultura 21, duas moedas do século I foram encontradas junto a um cordão de contas. As duas moedas têm cavalos galopando em uma de suas faces e foram cuidadosamente dispostas de ambos os lados do pescoço, de modo que os cavalos parecem correr através do peito e para longe do corpo.



Contas de colar e dois pendentes de moedas da sepultura 70, Street House, Loftus © Stephen Sherlock.

Qualquer pessoa que olhasse para a mulher sepultada veria um colar com dois cavalos, mas o anverso dessas moedas revela um simbolismo completamente diferente. Cruzes abstratas estavam estampadas nas faces pressionadas contra o corpo. Elas não necessariamente foram exibidas em público, mas esses símbolos cristãos ocultos decerto eram conhecidos por sua portadora. Nesse aspecto, elas evocam outros objetos do assim chamado “período de conversão” do século VII, como a fivela de Eccles.¹⁹ Essa peça desprestigiada tem cobras entrelaçadas e uma serpente de duas cabeças na parte da frente – símbolos comuns nos primeiros trabalhos de metalurgia. Mas, escondido na parte de dentro, pressionado contra o portador, há um peixe. Símbolo cristão que representa visualmente a frase “Jesus Cristo Filho de Deus Salvador” (cujas primeiras letras em grego soletram ICHTHYS, isto é, peixe), essa criatura só começa a aparecer nas joias inglesas no início do século VII.²⁰

O outro símbolo mais frequentemente associado ao cristianismo – a cruz – começou a formar a base de padrões ornamentais em broches nesse mesmo momento, surgindo de desenhos circulares como a figura de um Olho Mágico. Os estilos estavam mudando. Os símbolos estavam mudando. E a paisagem ideológica da Inglaterra estava mudando. A joia da princesa só adquire significado pleno quando compreendida contra o pano de fundo de transformações ideológicas, políticas, culturais e sociais tão radicais.

O período do século V ao século VIII na Inglaterra tem sido chamado de “Idade das Trevas” devido à falta de evidências textuais sobreviventes.²¹ É verdade que quando os romanos partiram, no início do século V, levaram consigo seus meticulosos registros, embora alguns escritores, como Gildas, tenham continuado a registrar os eventos após o início do século VI.²²

Somos ensinados que o cristianismo desapareceu junto com os romanos, para só retornar naquela data inculcada nos alunos ingleses: a “chegada do cristianismo” em 597 d.C. Foi nesse ano que Santo Agostinho, por instrução do papa Gregório Magno, liderou uma missão de conversão e desembarcou na Ilha de Thanet, em Kent. Mas dificilmente uma mudança ampla ocorre numa única data ou em um único momento, e a expressão “chegada do cristianismo” é enganosa. Todo o país não percebeu de repente que tinha uma nova religião; sai Odin, entra Jesus. A história é muito mais fluida e orgânica.

O cristianismo vinha sendo praticado em todas as Ilhas Britânicas desde o reinado de Constantino, o Grande (272–337 d.C.). Algumas das peças mais importantes de arte cristã – incluindo a imagem mais antiga de Cristo, a primeira representação da crucificação e os itens litúrgicos mais antigos – foram encontradas na Inglaterra, sugerindo que a nova religião estava firmemente estabelecida nos séculos III e IV.

Em 412 d.C., quando a governança romana foi retirada para que o Império pudesse cuidar de problemas mais perto de casa, um vácuo de poder se abriu. Ao longo dos séculos, preenchemos esse vazio com as lendas do rei Artur e do mago Merlim, mas o historiador Beda apresenta uma versão dos acontecimentos que em grande medida é sustentada pela arqueologia. Ele narra que, após a crise devido ao colapso do governo romano, grupos de pessoas oriundas de territórios que hoje coincidem com a Dinamarca e o norte da Alemanha chegaram à Inglaterra e provocaram enormes mudanças. A língua certamente foi transformada. Antes do século V, o povo romano-britânico provavelmente falava uma forma de dialeto celta. Essa prática se manteve na Irlanda, Irlanda do Norte, Escócia, Gales e Cornualha, mas, na Inglaterra, o inglês antigo se tornou a língua vernacular. O impacto dos recém-chegados germânicos foi imenso, afetando até mesmo a língua usada pelas pessoas na sua vida cotidiana. Os imigrantes assumiram posições de poder e influência, ocupando postos que ficaram vagos quando as estruturas de comando do Império Romano se desintegraram.

Eles também trouxeram consigo sua religião. Evidências do cristianismo e do culto romano-britânico desaparecem dos registros arqueológicos no século V, persistindo apenas nas chamadas “margens celtas”. Na Inglaterra, novos nomes de lugares, em homenagem aos deuses germânicos, passaram a dominar.²³ Odin, Thor e Freia exerceram uma influência significativa na

paisagem, influenciando os dias da semana até hoje (*Woden's day* [dia de Odin] – *Wednesday*, ou quarta-feira –; *Thor's day* [dia de Thor] – *Thursday*, ou quinta-feira; *Freyja's* ou *Frigg's day* [dia de Freia] – *Friday*, ou sexta-feira). Como essa religião acreditava numa vida após a morte bem ativa, em que os guerreiros desfrutariam de banquetes e lutas por toda a eternidade em Valhala, ou viveriam junto à deusa Freia em Fólkvangr, o “campo do povo”, eles começaram a sepultar seus mortos com bens funerários. Esse costume deixou aos arqueólogos modernos vislumbres fascinantes do mundo dos novos habitantes germânicos, que só agora começam a jogar luz sobre indivíduos esquecidos como a Princesa de Loftus.



Os sete principais reinos da Inglaterra no século VII.

Além de mudanças radicais na língua e na religião, a sociedade também se transformou no século VI. No lugar da infraestrutura romano-britânica, uma elite guerreira assumiu a liderança e reinos distintos surgiram. De início, esses reinos eram pequenos, com um líder recebendo a lealdade de seguidores e centralizando seu controle em grandes salões.²⁴ Conforme governantes individuais foram ganhando prestígio e exércitos maiores, passaram a estender as fronteiras de seus territórios por meio de guerras e subjugação, até que, no final do século, havia sete reinos principais: Nortúmbria, Mércia, Ânglia Oriental, Essex, Wessex, Sussex e Kent. Os governantes de cada um desses reinos disputavam o poder total, e Beda declara que diferentes indivíduos se revezavam na posição de “*bretwalda*”, ou de “senhorio geral” (*overlordship*).²⁵ Quando Agostinho, então nada mais que um monge romano assustado, desembarcou no litoral de Thanet, em 597 d.C., o *bretwalda* era o governante daquele mesmo reino: Etelberto de Kent.

A decisão de enviar uma missão romana para Kent não foi acidental. O rei era casado com uma mulher franco-cristã chamada Berta e, graças à sua localização, o povo pagão desse reino interagiu com o continente cristão por meio do comércio e da diplomacia. Em vez de uma tentativa inspirada divinamente para “salvar almas pagãs”, como Beda tenta nos fazer enxergar, a missão de Santo Agostinho no século VI foi uma tentativa estratégica de trazer uma parte do antigo Império Romano para um novo Império “Cristão” cujo centro era o papado. Kent, Etelberto e sua esposa, Berta, eram todos fundamentais para o êxito da missão.

Mulheres como instrumentos de conversão

Estamos acostumados a ler sobre as mulheres na história como adendos às suas famílias e maridos. Sabemos da rainha Berta de Kent porque ela era casada com o rei Etelberto. Mas enquanto algumas esposas mal recebem uma menção nessa que é a mais importante fonte histórica da Alta Idade Média – a *História eclesiástica do povo inglês*, de Beda –, Berta aparece com mais proeminência. É através de Beda que aprendemos que, além de ser de uma linhagem real, ela também era de uma linhagem santa. Seus avós foram Clóvis I, o fundador da dinastia merovíngia, e a aclamada princesa da Borgonha Santa Clotilde. Com o significado de “célebre na batalha”,

o nome de Clotilde reflete a ideia de que os primeiros governantes medievais – homens ou mulheres – detinham o poder principalmente por meio do domínio militar.

Assim como sua neta, Clotilde exerceu uma influência considerável. Quando seus filhos – herdeiros da dinastia merovíngia – estavam decidindo se derrubavam ou não os jovens herdeiros da Borgonha e tomavam as terras deles sob seu controle, eles resolveram deixar a decisão nas mãos de sua mãe. Mandaram a ela uma tesoura e uma espada, com as seguintes instruções: se ela achasse que eles deveriam recuar pacificamente, ela deveria escolher a tesoura e cortar os longos cabelos deles, que representavam o poder real. Se achasse que eles deveriam afirmar seu poder, deveria escolher a espada. Em uma frase célebre, ela respondeu: “É melhor para mim vê-los mortos do que tosquiados”.²⁶ Clotilde fez jus ao seu nome. Ela escolheu a espada. Essa decisão provocou a morte de dois jovens príncipes, de 7 e 10 anos, assassinados pelos filhos mais velhos de Clotilde sob instruções de sua mãe. Mas ela permaneceu “honrada por todos” e aclamada por sua humildade e misericórdia. Também influenciou os francos da maneira como, mais tarde, Berta influenciaria o povo de Kent, convencendo seu marido a se converter ao cristianismo e estabelecendo uma nova dinastia cristã que governaria por mais de dois séculos. Ela ainda é aclamada como uma santa católica romana.

Os pais de Berta, Ingoberga e o rei franco Cariberto I, eram igualmente influentes. O historiador do século VI Gregório de Tours descreve o complexo matrimônio dos dois, explicando que eles se separaram após Ingoberga descobrir que seu marido estava apaixonado pelas filhas de um pobre trabalhador da lã. Mais tarde ele se casaria com uma delas, tornando-a a rainha dos francos no lugar de Ingoberga. Após o casamento arruinado de seus pais, Berta foi para a distante Inglaterra, habitada por pessoas que se acreditava serem perigosos pagãos. Mas ela não foi lançada ao vazio. Tinha um papel a cumprir, e seu futuro marido sabia disso.

Na Ânglia Oriental, que fazia fronteira com a Kent de Etelberto, um poderoso governante pagão estava comemorando seus laços com o paganismo escandinavo e germânico, que serviriam de apoio à sua reivindicação ao posto de “senhorio geral” dos reinos ingleses. Já se afirmou até mesmo que o rei Redualdo pode ser o indivíduo homenageado no navio funerário de Sutton Hoo.²⁷ Beda reforça a ascendência germânica de Redualdo, dizendo que ele descendia de Ufa, fundador da dinastia Ufingas, cuja família está no

centro do poema épico inglês *Beowulf*. Ele também escreveu que Redualdo chegou a se aventurar pelo cristianismo, tendo notado seu potencial para oferecer novos elos com o continente europeu. Mas, em vez de se converter totalmente, tudo o que fez foi acrescentar uma imagem de Cristo à sua coleção de divindades pagãs.²⁸

Os achados de Sutton Hoo corroboram esse dualismo. Tigelas de prata com cruzes entalhadas e duas conchas batismais foram descobertas junto a um elmo e um escudo ancestrais. Essas armas foram produzidas do outro lado do Mar do Norte e enviadas à Ânglia Oriental como relíquias. Mas o simbolismo mais forte era de serpentes de duas cabeças, dragões e javalis, que cobriam a cabeça do indivíduo, enquanto os corvos de Odin (incluindo uma minúscula representação do próprio deus em granadas) protegiam seu corpo. Os itens de Sutton Hoo são predominantemente pagãos, com um aceno para o cristianismo. Embora claramente tenha feito um seguro para o caso de sua aposta estar errada, o indivíduo sepultado em Sutton Hoo escolheu navegar em um imenso navio rumo a uma vida após a morte em Valhala com Odin. Do outro lado da fronteira, porém, Etelberto de Kent estava se alinhando mais plenamente com outro aliado sagrado.

Há muito tempo a religião é usada como o instrumento dos poderosos em períodos de mudança. Quando o imperador Constantino saiu vitorioso das guerras civis do início do século III, ele inaugurou seu reinado atribuindo a vitória a uma nova religião: o cristianismo. Foi o signo de Cristo, o Chi-Rho (as primeiras letras de seu nome em grego), que Constantino gravou nos escudos dos seus soldados, o que, na opinião dele, garantiu sua vitória sobre Magêncio na Batalha da Ponte Mílvia.²⁹ Durante a “visão” que teve na véspera da batalha, Constantino disse ter discernido o sinal da cruz acima do sol, com as palavras “por meio deste sinal conquistarás” se estendendo pelo céu. Ele criou um precedente. Depois dele, governantes reinventariam suas dinastias por meio de seus laços com o cristianismo. O papa Gregório escreveu para o rei Etelberto sobre a “fama” que Constantino havia conseguido ao aceitar o cristianismo, e chegou a comparar Berta a Helena, a mãe do imperador, que se dedicou à tarefa de apoiar a religião recém-chegada ao poder.³⁰ Do ponto de vista de Etelberto, a Igreja trazia consigo vários tipos de benefícios adicionais: elos comerciais internacionais, preocupações militares compartilhadas e uma burocracia poderosa, capaz de reforçar o poder administrativo de um governante. Trazia livros, códigos

de leis, concepções antigas de potência régia e um novo grupo de aliados. O cristianismo trazia poder, e Etelberto de Kent sabia disso.

Sua nova esposa, Berta, era um peão num jogo de política internacional, entregue a ele em matrimônio para criar um laço entre a pagã Kent e a França cristã. Em 580 d.C., quase duas décadas antes de Gregório Magno enviar Agostinho em sua missão, Berta atravessou o canal da Mancha com um bispo cristão a tiracolo. Mas ela não era só um fantoche; até certo ponto, ela parece ter controlado seu destino. Beda diz que Berta insistiu em ser autorizada a praticar sua religião cristã. Ela trouxe consigo seu capelão, o bispo franco Leotardo, e declarou que Etelberto tinha que providenciar ao seu séquito uma igreja onde pudessem prestar culto.³¹ Um antigo edifício romano-britânico na Cantuária, capital de Kent, foi reapropriado. Ladrilhos romanos foram assentados, uma tumba e seções de parede foram construídas em uma nova estrutura, e a maior parte da nave foi acrescentada por volta do momento da chegada de Berta em Kent. Como no cemitério em Street House, o povo inglês do século VI estava intencionalmente incorporando o passado às suas narrativas sobre as mudanças. Pedras romanas de tempos idos foram simbolicamente integradas à primeira igreja cristã no reino pagão de Kent.

A conexão entre pedra e Roma parece ter conservado sua ressonância até o início do período medieval, apesar dos séculos de imigrantes germânicos que habitavam salões de madeira, e não vilas construídas de tijolos.³² A igreja de Berta foi consagrada a São Martinho. Berta cresceu em Tours, onde o



Pendente confeccionado com uma moeda de ouro exibindo o bispo Leotardo, século VII, descoberto na igreja de São Martinho, Cantuária.

santo havia sido bispo e onde era celebrado como “o martelo dos hereges”. Ao escolher um santo homenageado como bispo militar dedicado a destruir práticas pagãs, Berta e Etelberto enviaram uma clara mensagem para os outros governantes dos reinos ingleses: o cristianismo começava a dominar Kent, e os pagãos deveriam tomar cuidado, porque a mudança estava chegando. A igreja de São Martinho é a igreja paroquial mais antiga do mundo anglófono.

É digno de nota que a chegada de Berta e de Leotardo tenha deixado sua marca não só por meio das palavras de Beda e dos tijolos da igreja de São Martinho, mas também de um grande tesouro. Em abril de 1844, o antiquário Charles Roach Smith apresentou um punhado de curiosidades da Alta Idade Média à Sociedade Numismática. Explicou que elas haviam sido encontradas “alguns anos atrás” e que foram descobertas perto do adro da igreja de São Martinho, na Cantuária.³³ Entre as peças havia uma moeda adaptada para ser usada como um pendente. Outrora, ele teria sido parte de um colar como aquele com o qual a Princesa de Loftus foi sepultada, e era uma raridade: a única peça de joia do século VII a ser encontrada no cemitério de uma igreja. Talvez uma mulher do séquito de Berta tenha sido sepultada com esse colar, expressando sua religião por meio de suas joias.

O nome do bispo de Berta, Leotardo, está inscrito de trás para a frente no pendente, provavelmente porque a pessoa que fez a moeda, incapaz de ler a inscrição em latim, fez o molde copiando um original. O nome então ficou invertido quando a moeda foi cunhada, e o metalúrgico não percebeu o erro. Esse pendente tem sido usado como evidência de quão ignorante e iletrado era o mundo no início da Idade Média. Mas esse era um erro simples de se cometer, especialmente na Inglaterra, onde a cunhagem de moedas não era feita com regularidade. Hoje a palavra “iletrado” é associada a uma falta de educação. Mas os métodos utilizados para se transmitir informações às comunidades não letradas da Inglaterra do início da Idade Média eram incrivelmente sofisticados.³⁴ As pessoas eram capazes de recitar poemas de cor durante muitas horas, se é que não dias. Elas precisavam guardar informações sobre linhagens sanguíneas, posse de terras, códigos legais, assim como um vasto corpo de contos, mitos e histórias. Ser iletrado não era ser ignorante, mas sim utilizar a memória mais ativamente. Foi o cristianismo que trouxe o letramento e o latim para um povo que durante três séculos dependeu da tradição oral e da memória. É possível argumentar que com a escrita vieram a apatia, a burocracia e a rigidez.

A escrita e o cristianismo também trouxeram o controle. Uma carta do papa Gregório a Berta indica que ela já era “instruída nas letras”. Quando ele escreveu a ela em 601, Berta era claramente uma mulher poderosa e influente, com uma reputação internacional. Ele elogiou seus “bons feitos [que] chegaram ao conhecimento não só dos romanos, que haviam rezado com fervor por sua vida, mas também de vários lugares e até do sereníssimo Príncipe de Constantinopla”. Berta trouxera mudanças e um novo modo de vida aos reinos ingleses, em que pouco a pouco se passava a rejeitar os deuses do panteão germânico e os sepultamentos repletos de tesouros. Na esteira do cristianismo veio uma gama de edifícios customizados: igrejas, catedrais e mosteiros. Uma nova perspectiva da vida após a morte também estava em desenvolvimento, na qual bens preciosos não mais precisavam acompanhar seus donos ao solo. Para os historiadores, as evidências textuais ganham novo elã após o século VII, quando escribas começam a registrar informações em manuscritos. Mas, para os arqueólogos, uma fonte antes rica de informações sobre as pessoas do passado começa a se secar. Esse foi um momento crucial na história, e a Princesa de Loftus é nossa janela para esse tempo de grandes mudanças.

As mulheres do norte

Diferentemente de Berta, não sabemos ao certo quem foi a Princesa de Loftus. Suas joias são praticamente tudo que resta para nos oferecer algum vislumbre de sua vida e morte. Mas sabemos que ela era rica, influente, e que muito provavelmente havia se convertido para o cristianismo. As pistas disso estão no centro de seu colar: a joia principal esculpida em forma de vieira. Nenhuma peça que pudesse ser comparada a essa gema sobreviveu, mas, em outros contextos, a concha, a exemplo da cruz e do peixe, carregava um simbolismo cristão. No século IX, ela já era associada a São Tiago, e a rota de peregrinação para Santiago de Compostela estava crivada delas. Mas as associações do símbolo remontam a ainda antes. Na religião romana clássica, as conchas estavam ligadas à Vênus, a deusa do amor e da fertilidade.³⁵ Ela emergiu do mar plenamente formada quando o titã Cronos castrou seu pai Urano e atirou seus genitais no mar. Vênus nasceu não de uma mulher, mas encarnou milagrosamente nas águas. Como é comum no

simbolismo cristão primevo, um significado mais antigo é substituído por um novo. A concha sobre a qual Vênus se deslocava se tornou um símbolo do batismo, da vida nova e eterna.³⁶

Em meados do século VI, pouco antes de Berta cruzar os mares até Kent, a milhares de quilômetros de distância, o imperador Justiniano usava o simbolismo cristão para reforçar seu poder. Ele restaurou o Império Romano do Ocidente tomando as terras controladas pelos ostrogodos e vândalos no norte da África, Espanha e Itália. Com efeito, a trajetória de Justiniano talvez possa ser vista como a inspiração para a missão de Gregório Magno na Inglaterra umas poucas décadas após a morte do imperador. Os dois homens queriam que os limites mais longínquos do antigo Império Romano ficassem sob a influência da Igreja e do papado.³⁷

O impacto de Justiniano na arte cristã ainda é evidente nos belos mosaicos que sobrevivem nas igrejas de Ravena, na Itália – um ponto focal para seu controle sobre o Império Ocidental. Na igreja de Santo Apolinário Novo, os santos são exibidos com um dossel em forma de concha sobre eles, significando sua vida eterna. Os célebres retratos de Justiniano e sua esposa Teodora na Basílica de São Vital também exibem uma concha de vieira, dessa vez sobre a cabeça da imperatriz. Ela provavelmente já tinha morrido quando o mosaico foi finalizado, e a concha simboliza sua ressurreição e nova vida no paraíso. E embora Justiniano, ainda vivo, não apareça sob uma concha, o mosaico mostra que ele ordenou que o Chi-Rho fosse gravado nos escudos de seus soldados, como Constantino antes dele. Também ele estava forjando um forte e colossal império. Assistindo do outro lado da Europa, governantes ingleses como Etelberto de Kent teriam visto em Justiniano o poder imperial possível quando um governante dava seu apoio à Igreja cristã.

Apesar de esses mosaicos na Itália estarem bem longe dos penhascos castigados pelo vento de Cleveland, e apesar de Bizâncio, centro do poder de Justiniano e Teodora, ser mais longe ainda, o impacto de sua corte cristã foi sentido na Inglaterra no final do século VI e início do VII. Um colar encontrado em Desborough, Kent, datado quase exatamente da mesma época que o pendente de Loftus, é semelhante àquele usado por Teodora no mosaico de Ravena. A preferência por gemas em cabochão – isto é, moldadas e polidas – e joias bizantinas como as da imperatriz chegou até bem longe, e, com suas próprias joias em cabochão, tanto a dona do colar de Desborough como a Princesa de Loftus estavam seguindo essa moda.

Na peça de Kent há uma cruz no centro do colar; no colar da Nortúmbria, uma concha. Ainda sutil o bastante para contemplar tanto o simbolismo não cristão como o cristão, a portadora do pendente de Loftus tinha um pé no passado e o outro no futuro. Ela vivia em um período de transformações religiosas e culturais, no qual os laços com o mundo cristão ficavam cada vez mais fortes.



Mosaico da imperatriz Teodora, São Vital, Ravena, c. 548 d.C.



O colar de Desborough, feito de ouro e granada em cabochão com uma cruz central, fim do século VII, Museu Britânico.

O período transcorrido entre a chegada de Berta em Kent e o sepultamento da Princesa de Loftus com um símbolo cristão em torno de seu pescoço foi relativamente curto – uma ou duas décadas. Assim como a religião viajou para a Inglaterra com uma mulher, foram as mulheres que ajudaram a disseminar de forma eficaz e rápida o cristianismo pelo país. O papel das mulheres na Igreja primeva é consistentemente subestimado, mas, quando se tratou de converter os ingleses, as esposas e as mães foram os principais instrumentos de influência. A razão para o arcebispo da Cantuária ser o primaz da Igreja da Inglaterra hoje é em grande medida Berta. Originalmente, a intenção de Gregório Magno é que sua missão estabelecesse um centro no norte, em York, e um no sul, em Londres. Esse arranjo espelharia as capitais romanas da Britânia Superior e Inferior.³⁸ Mas a boa vontade demonstrada a Agostinho e seus missionários em Kent sob a influência de Berta, aparentemente, afetou a decisão de fundar um grande mosteiro e uma catedral na Cantuária.

O filho de Berta, Eadbaldo, era problemático. Ele não deu continuidade ao apoio de seu pai à Igreja, e, ao contrário, reverteu o reino à religião germânica quando sucedeu Etelberto. Ele acabou por aceitar o cristianismo, mas para isso foi necessária uma segunda missão papal, pouco depois da primeira, para arraigar a religião mais completamente em Kent. A nova fé ganhou e perdeu terreno ao longo da primeira metade do século VII. Os governantes a aceitavam e, quando morriam, seus filhos a rejeitavam. Mas embora seu filho não tenha seguido o grande plano de Berta, sua filha, Etelburga, seguiu.

Como sua bisavó e sua mãe antes dela, Etelburga foi dada em casamento a um rei pagão. Em 625, ela viajou para o norte, atravessou o território resolutamente pagão da Ânglia Oriental e entrou na Nortúmbria, onde se casou com Eduíno, cujo reinado bem-sucedido viu a união de dois reinos, Deira e Bernícia, em uma grande e dominante potência do norte. Etelburga também trouxe consigo um bispo como parte de seus arranjos matrimoniais. Eduíno precisou tolerar o missionário romano Paulino, e Beda descreve como esse indivíduo fervoroso se pôs a converter as mulheres da corte da Nortúmbria. A filha de Etelburga, Eanfleda, foi a primeira pessoa a ser batizada pela missão romana na Nortúmbria. Eanfleda teria um papel importante na recém-surgida Igreja do norte, desposando o sucessor de seu pai e então se tornando a primeira abadessa do mosteiro duplo recém-inaugurado em Whitby. O batismo da princesa abriu um precedente que outras mulheres nobres do norte seguiriam.

Sepultada em uma cama

No momento do sepultamento da Princesa de Loftus, o cristianismo se espalhava pelo país, conforme Paulino convertia a realeza no norte e novos mosteiros surgiam por toda parte. Sabemos que sepultamentos cristãos não tendem a incluir bens funerários, mas leva tempo para que práticas muito apreciadas sejam substituídas. Se alguém passou a vida pensando na morte e na vida após a morte de uma certa maneira, e então se espera que sepulsem seus entes queridos de uma outra maneira, haverá períodos de transição, durante os quais as tradições mais antigas persistirão.³⁹ Os sepultamentos anteriores com armas, baldes de comida e vestimentas requintadas foram substituídos por sepultamentos cristãos simples, com os corpos envolvidos apenas em uma mortalha. A ideia de uma vida após a morte, na qual se necessitava de riquezas materiais, foi substituída por sistemas de herança, por meio dos quais objetos bonitos e de valor eram deixados para a geração seguinte em vez de serem enterrados para servir ao falecido. O cemitério de Loftus é um dos últimos lampejos dos velhos costumes, um ponto no tempo capturado na terra.⁴⁰

Descrita como um sepultamento da “Fase Final”, a sepultura 42 de Street House possui simbolismo cristão, moda continental e bens germânicos, tudo reunido. Mais significativo, entretanto, é o fato de a mulher ter sido sepultada em uma cama. Mesmo hoje, uma cama é uma das nossas maiores despesas quando mobiliamos uma casa. Colocar uma peça tão bem-feita no solo, em vez de reusá-la, foi um compromisso do povo de Loftus para homenagear essa importante mulher. Cavar um buraco grande o bastante e colocar nele a cama provavelmente exigiu um grande esforço físico. Esse tipo de dedicação funerária atinge seu ápice no espetacular navio funerário de Sutton Hoo, onde, junto às joias em *cloisonné* e às moedas merovíngias, um barco inteiro de 27 metros de comprimento, pronto para ir para o mar, foi colocado no solo. Mas a Princesa de Loftus não está navegando por mares eternos como o membro da realeza sepultado na Ânglia Oriental. Ela foi colocada para dormir por toda a eternidade. A palavra “*leger*” em inglês antigo significava tanto “cama” quanto sepultura – “um lugar onde alguém se deita” –, de modo que um sepultamento na cama daria a um indivíduo o ritual e a cerimônia de um sepultamento germânico, com bens funerários, honrando, ao mesmo tempo, as novas crenças introduzidas pelo cristianismo.